

APRESENTAÇÃO

“Que você possa viver uma época interessante!”

May you live an interesting time!

Ev'Ângela B. R. de Barros¹

Na obra **Viagem na irrealidade cotidiana** (1984), o grande Umberto Eco nos faz imergir na reflexão sobre a era contemporânea como uma atualização da Idade Média – um momento de transição, de conflitos, de novas utopias. E assim sendo, uma fase de tensões, conflitos, de dualismos e extremismos, marcados por discursos e contradiscursos, de palavras e contrapalavras, nem sempre apresentadas, na arena social, de forma civilizada e respeitosa. Afirma o autor que

O político argumenta com sutileza, apoiado pela autoridade, para fundamentar em bases teóricas uma práxis de formação; o cientista tenta restituir uma forma, através de classificações e distinções, a um universo cultural explodido (como o greco-romano) por excesso de originalidade e pela confluência conflitante de contribuições demasiado díspares, Oriente e Ocidente, magia, religião e direito, poesia, medicina ou física. Trata-se de mostrar que existem abscissas do pensamento que permitem recuperar modernos e primitivos sob a égide de uma mesma lógica. Os excessos formalistas e a tentação anti-histórica do estruturalismo são os mesmos das discussões escolásticas, assim como a tensão pragmática e modificadora dos revolucionários, que então eram chamados reformadores ou hereges *tout court*, deve (como devia) apoiar-se em cima de furiosas diatribes teóricas e cada nuança teórica implicava uma práxis diferente. (ECO, 1984, p.11)

Nota-se que, em vez de as disparidades irem se resolvendo, as “abscissas do pensamento” acabam se vestindo de novas roupagens e retornam, visto que, no fundo, trata-se da busca de poder – saber quem está autorizado a, isto é, quem tem autoridade para –, e esse sentimento é imorredouro: onde há o humano, há a ânsia de poder, de submeter, de subjugar. Por outro lado, há também o desejo de saber, de conhecer, de conviver – e aí se contrapõem vozes, igualmente humanas, que caracterizam as “diatribes teóricas” a que Eco alude.

¹ Professora Adjunta IV do Departamento de Letras da PUC Minas, Coordenadora do PIBID PUC Minas. Editora da Revista do Instituto de Ciências Humanas e de Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão. E-mail: evangela@pucminas.br.

Nossa realidade (irrealidade?) brasileira, em 2019, viu retornarem, de forma acirrada, conflitos aparentemente resolvidos, como, por exemplo, os discursos (e contradiscursos) sobre o valor das ciências – visão mercantilista, em que as ciências exatas, as físicas e as da saúde, todas igualmente ranqueadas, suplantam a relevância das humanas; discursos (e contradiscursos) sobre a hierarquização de saberes, sobre quem tem o direito a (escolher o que vestir, explicitar os seus caracteres étnicos ou direcionamentos – sexuais, políticos, etc.). Ainda com as sábias palavras de Eco, fica mais fácil compreender esse turbilhão em que nos encontramos, premidos por interesses externos – de nações econômica e politicamente mais fortes –, e internos – de grupos, partidos, organizações que tentam impor seus interesses –, fragilizando a democracia conseguida a tão duras penas. Afirma ele:

Dessa nova Idade Média já se disse que será uma época de ‘transição permanente’ na qual serão adotados novos métodos de adaptação: o problema não será tanto o de conservar cientificamente o passado quanto o de elaborar hipóteses sobre o aproveitamento da desordem, entrando na lógica da conflitualidade. Nascerá, como já está nascendo, uma cultura de readaptação contínua, nutrida de utopia. Foi assim que o homem medieval inventou a universidade, com a mesma desinibição com que os clérigos vagantes de hoje a estão destruindo: e talvez transformando. A Idade Média conservou a seu modo a herança do passado não para a hibernação, mas para contínua retradução e reutilização, foi uma imensa operação de bricolagem em equilíbrio instável entre nostalgia, esperança e desespero. (ECO, 1984, p. 17).

Essa “cultura da readaptação contínua” se faz presente em nossa realidade, diante da premência de novas formas de lidar com a natureza, de preservar o que ainda é possível, em prol da perenidade do gênero humano na Terra – ou, nos termos de Edgar Morin, da premência de buscar um novo patamar de relações humanas, calcado numa ecologia terrestre, em que as fronteiras nacionais, ao mesmo tempo em que se fortaleçam como marcas de identidade local e regional, porosamente se abram, de modo a se cultivar uma identidade transnacional, planetária, visto que habitamos, todos, uma mesma casa – vale lembrar que *óikos* (radical da palavra “ecologia”) significa “casa” – a Terra.

Os grandes momentos de crise, segundo crenças orientais, trazem embutidos em si duas dimensões – a do conflito (e, portanto, do sofrimento) e a da inovação (e, portanto, da esperança). Crise, nesse sentido, traz em si tanto forças centrípetas (que impelem ao centro e à preservação – de valores, de crenças, de representações) quanto forças centrífugas (que remetem ao externo, à busca da evolução, ao inconformismo). Umberto Eco, a esse respeito, assinala que “Ninguém diz que a nova Idade Média

representa uma perspectiva de todo alegre. Como diziam os chineses para maldizer alguém: “Que você possa viver uma época interessante” (*idem*).

Não no sentido com que os chineses explicitam essa frase optativa, aqui a retraduzo e reutilizo num sentido mais esperançoso – “Que você possa viver uma época interessante” – você, quem quer que seja, que agora lê esse texto! Senão, que força haverá a nos impulsionar diariamente a novas buscas? A novas pesquisas? A nossas relações humanas, ao nosso trabalho de educadores, nele (ante)vendo um valor social, de (trans)formar mundos, indivíduos, (melhores) sociedades?

Precisamos acreditar que dias mais interessantes virão – em que as Ciências Humanas tenham o reconhecimento do seu valor, da excelência de suas bases epistemológicas e metodológicas; em que, em vez de ranqueamentos e extremos, possamos ver a beleza e sensatez do contínuo, em que a utopia não tenha conotação negativa...

Com esse sentimento esperançoso, trazemos à luz mais um volume da **Revista do Instituto de Ciências Humanas**. Nele, cada texto é uma aposta na crença de que o saber pode nos ajudar a iluminar as cavernas interiores.

No primeiro artigo, “A questão da democracia em Joaquim Nabuco e Fernando Henrique Cardoso”, Daniel Soares Rumbelsperger Rodrigues discute, com base em ampla literatura como suporte, a definição de “democracia” dos dois políticos e autores indicados, encontrando semelhanças e afastamentos na biografia de ambos.

Na sequência, em “Considerações acerca da subjetividade e espiritualidade em Foucault”, o professor Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa discute a propriedade do recurso aos fundamentos da crítica Foucaultiana para aceder à lógica do mundo contemporâneo ou, mais restritamente, para compreender o que chama de “alienação educacional”. Para isso, discute temas instigantes como subjetividade e espiritualidade, além de “conceitos conexos de verdade e liberdade de ideologia”, por meio da “confrontação do pensamento Foucaultiano a respeito das realidades operadas nos planos midiáticas, político, jurídico, econômico e militar, dentre outros poderes”.

No terceiro artigo, ainda numa linha de reflexão mais filosófica, Samuel Correa Duarte, em “O itinerário da crítica social de Richard Sennett: as relações entre indivíduo e sociedade em perspectiva” faz um exame crítico da obra desse pensador, buscando respostas a questões cruciais que dão (ou retiram) o suporte à democracia, a sociabilidade contemporânea. De maneira pertinente, discute impactos da flexibilização

do trabalho no modo de vida das pessoas, vindo neste importante aspecto da vida individual um fator de coesão e integração social.

No artigo seguinte, “Trabalho, língua e sociedade”, Myreli Xavier de Lima analisa, com base num levantamento etimológico e sociológico, a relação entre tais categorias da vida humana. De que maneira se constroem os sentidos (e ambiguidades) em categorias tão profundamente vinculadas à vida humana é o que busca a autora, com recurso a conceitos – e interfaces – dos campos da Filosofia, Sociologia e Linguística.

No quinto artigo, os professores José Ronaldo da Silva e José Wilson da Costa apresentam e discutem “Concepções dos egressos sobre o curso superior a distância em Ciências Contábeis da PUC Minas.” Fruto da pesquisa de Mestrado em Educação do primeiro autor, o trabalho enfocou as concepções de egressos que concluíram a graduação exclusivamente na modalidade de EaD, visando mapear contribuições proporcionadas para a formação técnico-profissional e para a inserção e manutenção no mercado profissional de trabalho. Os resultados indicaram ter havido contribuição positiva do curso Ciências Contábeis EaD para as duas dimensões – vida pessoal e profissional –, sob o ponto de vista da maioria dos egressos, que apontam, ainda, fragilidades observadas. A pesquisa serve como termômetro para aprimoramentos no curso de Contábeis EaD de qualquer IES, não apenas da PUC Minas.

O sexto artigo, “O papel do revisor de textos em relação aos aspectos estéticos e pragmáticos em construções literárias”, dos autores, Tatyane Pâmella Ribeiro de Freitas e Ronaldo Junior Santos Dias traz uma análise reflexiva acerca da atuação do revisor de textos literários, com respaldo em diversos teóricos da área, mostram (com recurso a dados empíricos) os desafios que se apresentam, cotidianamente, ao revisor de textos literários.

Na sequência, em “Literatura e Cinema: processo de retextualização”, a professora Maria Flor de Maio Barbosa Benfica e um grupo de graduandos de Letras, integrantes do PIBID – Kelly Cesário de Oliveira, Brenda Kelly Nunes Oliveira Borges, Frederico Dias Rosa Alves Teixeira, Andréa Pereira Ledo, Drielly Luize Arruda Moreira e Matheus Henrique da Silva Correa – apresentam e discutem, com respaldo teórico, uma prática de ensino bem sucedida, realizada em escola estadual parceira do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência), na qual se aliaram duas semioses – a leitura literária e a leitura do texto cinematográfico –, a partir da abordagem da retextualização, o que permitiu potencializar as habilidades de leitura e escrita dos alunos do terceiro ano do Ensino Médio. Essa intervenção resultou na

produção de um curta-metragem que tomou a animação *BoJackHorseman* como texto base. Os envolvidos salientam o valor do investimento na produção de novos conhecimentos, metodologias e estratégias, o que tornou este processo de ensino significativo, tanto para os estudantes da educação básica, quanto para os graduandos e o docente supervisor.

O oitavo artigo, intitulado “Revisor de Texto Literário e Roteirista de Adaptação Literária: o diálogo entre duas profissões”, de Bethânia Ferreira Pinto e Penélope Castro Marques, apresenta uma pesquisa exploratória das graduandas em Letras, com o objetivo de mapear semelhanças e diferenças entre o fazer do revisor e do roteirista de adaptações, considerando que ambos lidariam com uma mesma esfera de atuação, a literária. A partir de aporte teórico relevante e de entrevistas a profissionais da Comunicação, identificam interfaces, mas ratificam a visão de que, embora tratando de um mesmo artefato cultural, o texto, e implicados em práticas de uma mesma esfera, a literária, cada forma de lidar com o texto guarda suas particularidades.

O último artigo desta seção, “As descontinuidades da Educação: análise das constituições outorgadas dos séculos XIX e XX”, de Aline Cristina Miranda, apresenta um estudo de aspectos históricos que ajudam a compreender o processo de universalização da educação básica pública e gratuita, por meio da leitura crítica das constituições outorgadas. A análise evidencia as causas e o contexto, historicamente construído, do sucateamento da educação pública e da exclusão, a despeito da disseminação da crença da sociedade brasileira como democrática.

Na seção seguinte, temos o relato de experiência intitulado “POEINT: a transição de uma Escola Polo de Educação Integrada para uma Escola de Educação Integral e Integrada”, a graduanda em Letras Nádia Cristina da Silva historiciza a criação e posterior transformação de uma escola da periferia de Belo Horizonte / MG, a partir de um modelo exitoso em Portugal, a “Escola da Ponte”. Como monitora do Programa Escola Integrada, a autora vivenciou, ao longo de um ano letivo, a adoção de estratégia metodológica de “derrubar paredes e criar redes”, uma “atitude pioneira e ousada na educação básica pública”, em sua visão. No relato, vemos as dificuldades e soluções encontradas, sem perder de vista que todo equilíbrio é provisório, sendo que a autora ressalta o valor da equipe de professores para a consecução dos objetivos.

O texto seguinte “Sobre as priscas sementes das coisas: um esforço memorativo” traz um instigante memorial, construído no bojo da disciplina de Leitura e Escrita, do 1º período, por um estudante de História, Pedro Mendes de Carvalho Ricaldoni. Vale a

pena seguir, com ele, o percurso narrativo escolhido, num texto leve, em que o autor não se prende estritamente a uma cronologia, mas pontua, com eventos marcantes, o seu processo de letramento.

Fechando com grande relevância este volume, comparecem duas entrevistas: a primeira, com a professora Liliane de Oliveira Neves (Cefet MG), em que se evidenciam desafios do ensino de Português a falantes não nativos, um processo complexo – pelas nuances todas que envolve (distinção do atendimento demandado por migrantes, refugiados, ou ainda por intercambistas) e pela formação docente que demanda – o qual vem interpelando a todos que lidamos com ensino de língua portuguesa.

E, por fim, uma belíssima entrevista feita por graduandas de Letras – Anna Paula Fernandes, Fernanda Valle Reis, Lucia Helena da Silva, Natália Kimberly Silva e Regina Araújo Santos – ao professor e crítico literário Wander Melo Miranda. Após falar sobre suas concepções de literatura – a partir de análise sobre “Grande Sertão: Veredas” e de literatura italiana, o entrevistado relaciona a (ausência de) leitura literária e o cenário brasileiro atual, e, de forma a fechar magistralmente – a entrevista e este volume – nos lembra que “Devemos ter a literatura, a arte e a cultura em geral como formas de resistência”.

Para ler, refletir, resistir... existir!

REFERÊNCIAS

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.